

Uma trajetória dedicada à pesquisa e ao ensino: uma entrevista com Rosali Fernandez de Souza

*A trajectory dedicated to the research and the teaching:
an interview with Rosali Fernandez de Souza*

Rosali Fernandez de Souza

Doutora em Ciência da Informação pela Polytechnic of North London. Pesquisadora do IBICT

Resumo: Rosali Fernandez de Souza é pesquisadora titular do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), órgão do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI). Em sua trajetória acadêmica, Rosali Fernandez tem uma vasta experiência como pesquisadora e professora no campo da organização e representação do conhecimento, tornando-se referência no ensino e pesquisa sobre classificação no Brasil. A Revista Mundo Livre entrevistou Rosali Fernandez no dia 08 de agosto de 2022, usando uma sala virtual no Google Meet. A pesquisadora foi entrevistada por Amanda dos Santos Coutinho, Pâmela Miranda dos Santos, Thulio Pereira Dias Gomes e Yuri Onishi Banov, todos integrantes da equipe editorial da Revista Mundo Livre. O encontro foi marcado pelo compartilhamento de experiências no ensino e na pesquisa de Rosali e pelo encorajamento aos jovens pesquisadores.

Palavras-chave: IBICT. Pesquisadores. Rosali Fernandez de Souza.

Abstract: Rosali Fernandez de Souza is a researcher at the Brazilian Institute of Information in Science and Technology (IBICT), a research institution of the Ministry of Science, Technology and Innovation (MCTI). In her academic career, Rosali Fernandez has extensive experience as a researcher and a professor in the field of knowledge organization and representation in the Information Science, becoming a reference in the teaching and the research on Classification in Brazil. The Revista Mundo Livre interviewed Rosali Fernandez on August 8, 2022, using a virtual room for video calls. The researcher was interviewed by Amanda dos Santos Coutinho, Pâmela Miranda dos Santos, Thulio Pereira Dias Gomes and Yuri Onishi Banov, all members of the editorial team of Revista Mundo Livre. The meeting was marked by sharing Rosali's experiences in teaching and research as an encouragement to new researchers.

Keywords: IBICT. Researchers. Rosali Fernandez de Souza.



Rosali Fernandez de Souza se graduou em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Santa Úrsula, em 1968. Especializou-se em Documentação Científica, em 1969, e fez mestrado em Ciência da Informação, em 1973, no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), que hoje é o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). O seu PhD foi conferido pelo Council for National Academic Awards (CNAA) e foi realizado na Polytechnic of North London, que foi integrada à London Metropolitan University, na Inglaterra. Atualmente é pesquisadora titular do IBICT, instituto de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI).

Em sua trajetória acadêmica, Rosali Fernandez tem uma vasta experiência como pesquisadora e professora no campo da organização e representação do conhecimento na área da Ciência da Informação, tornando-se uma referência no ensino e pesquisa sobre classificação no Brasil. Atuou como orientadora de quase cem pesquisas em nível de mestrado ou doutorado desenvolvidas por pesquisadores atuantes em diversas instituições no país.

A Revista Mundo Livre entrevistou Rosali Fernandez no dia 08 de agosto de 2022, em uma videochamada. Rosali estava no escritório de seu apartamento no Rio de Janeiro que se tornou mais conhecido por seus alunos e colegas desde o início da pandemia por ser o cenário da pesquisadora em aulas, videochamadas, reuniões virtuais e *lives*¹. A pesquisadora foi entrevistada por Amanda dos Santos Coutinho, Pâmela Miranda dos Santos, Thulio Pereira Dias Gomes e Yuri Onishi Banov, todos integrantes da equipe editorial da Revista Mundo Livre. O encontro rendeu uma produtiva conversa

¹ Nos últimos dois anos, duas participações em *lives* foram bastante representativas da trajetória acadêmica de Rosali Fernandez de Souza. A primeira aconteceu no evento comemorativo de 50 anos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) do IBICT, instituição onde Rosali fez sua carreira de pesquisa. Nesse evento, a pesquisadora contou sobre sua travessia como estudante e professora no PPGCI (“Rosali Fernandez de Souza”, no [“Colóquio PPGCI 50 anos... Travessias”](#), em 30 de junho de 2020). Em outro evento, a pesquisadora refletiu sobre as contribuições das mentalidades fundadoras da classificação no Brasil nas décadas de 1960 e 1970, destacando sua experiência de convivência de aprendizagem com personalidades representativas da organização do conhecimento (“Mentalidades fundadoras da Classificação no Brasil”, no [Seminário de Organização do Conhecimento](#), em 27 de maio de 2021).

sobre as experiências de Rosali no ensino e na pesquisa como encorajamento aos novos pesquisadores.

Quais foram as motivações que levaram e levam você a seguir a carreira de pesquisadora?

A pesquisa é a atividade que nos instiga sempre a estudar e refletir sobre questões em aberto, ainda não resolvidas, em qualquer área do conhecimento. Isso foi o que me motivou e ainda me motiva a buscar aprender mais sobre minhas indagações temáticas. A partir dos objetivos formulados e dos resultados alcançados em determinado projeto, surgem aberturas temáticas que nos motivam a seguir adiante em outros projetos em busca constante de conhecimento.

A minha carreira de pesquisa propriamente dita foi iniciada no mestrado na elaboração da dissertação quando investiguei a comunicação científica entre grupos de pesquisa em Física do Estado Sólido na América Latina, olhada através das revistas científicas em que os pesquisadores dos grupos analisados publicavam seus resultados de pesquisa. Análises bibliométricas foram realizadas em base da aplicação de leis de dispersão da literatura. A pesquisa de doutorado investigou padrões de comunicação de grupos de pesquisa em física da matéria condensada no Brasil ao longo de 30 anos (1950-1980). Além das análises bibliométricas da literatura publicada pelos grupos analisados foram considerados o contexto histórico e as características de desenvolvimento de cada grupo quanto aos recursos humanos. Apesar de não ser o foco das pesquisas de mestrado e doutorado, a classificação teve um papel crucial nas etapas de coleta, tratamento e análise dos dados em ambas pesquisas. Nos projetos de pesquisa por mim desenvolvidos posteriormente, a classificação do conhecimento em seus múltiplos aspectos se tornou campo motivador e instigante de pesquisa no amplo conceito da comunicação científica abordando. Foi, então,

quando passei a investigar os esquemas de classificação bibliográfica universais e as tabelas de classificação de áreas do conhecimento no contexto do ensino, da pesquisa e da disseminação da informação em ciência, particularmente no Brasil.

A atuação como docente na pós-graduação também parece lhe trazer motivação como pesquisadora. Como você ilustraria a trajetória do estudante na pós-graduação?

Como motivação também de pesquisa para mim é a atividade de orientação acadêmica. Orientei cerca de cem dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre assuntos diversos. Dessa experiência, posso constatar que cada aluno é um aluno e que cada dissertação e cada tese somente poderia ter sido desenvolvida por aquele aluno que traz consigo um *background* educacional e cultural diferenciado, digno de atenção. A orientação é um aprendizado mútuo desde o primeiro encontro. O aluno agenda um encontro para conversar e expõe as ideias de uma questão de pesquisa que gostaria de desenvolver. A partir disso, começamos a conversar. O orientador tem que ser muito perspicaz em observar o aluno conforme o pensamento de Ortega y Gasset: “*Uno no es uno, uno es uno y sus circunstancias*”. Ao longo da orientação, o documento de qualificação e, posteriormente, a dissertação ou a tese são elaborados e apresentados à banca examinadora composta por professores titulares e suplentes internos e externos ao programa de pós-graduação de origem do aluno. O momento em que o aluno apresenta oralmente a pesquisa finalizada é um momento gratificante e de realização, tanto para o aluno como para o orientador. Essas foram e ainda são as minhas principais motivações para a pesquisa.

Vou contar três momentos marcantes nas minhas orientações que ilustram a interação entre orientador e aluno. Um dia eu estava na minha sala e entrou um orientando de mestrado sem agendamento. Ele era um rapaz muito tranquilo, mas estava

esbaforido quando chegou. Ele me disse que foi ali para me dizer que havia largado a mulher, os filhos e inclusive a dissertação. Eu fiquei pasma. Perguntei ao aluno se estava feliz, já que ele não tinha mais problemas. Ele pediu que eu fizesse a retirada dele do programa e eu disse que não poderia fazer aquilo naquele momento, porque havia todo um formalismo no processo de trancamento. Ele saiu da sala. Eu fiquei pensando se eu havia feito certo em dizer aquilo para ele, já que ele me pegou de surpresa. Três meses depois, ele entrou na minha sala com a fisionomia tranquila que ele tinha antes e pediu para conversar comigo. Dessa vez, ele contou que voltou para sua mulher, para os seus filhos e para o mestrado. Então, eu disse para continuarmos de onde paramos.

Outro caso é de um aluno que era muito mais velho de idade do que eu - comecei muito jovem na orientação de alunos. Ele me passava a sensação de não me olhar como orientadora, sugerindo que tinha muito mais experiência profissional do que eu. Nós discutimos muito nos encontros de orientação. Eu tomava todo o cuidado, conversando, porque o importante era concluir a dissertação. Na véspera da defesa, eu e ele fizemos um ensaio geral da apresentação para a banca. Ele começou a falar, eu fui anotando e calculando o tempo de apresentação. De repente, ele parou de falar e eu fiquei aguardando a continuidade da apresentação que não aconteceu. Eu olhei para o aluno e foi então que ele me encarou e me disse que, naquele momento, ele havia entendido a pesquisa realizada e que tinha entendido todas as nossas conversas nos encontros de orientação. Eu então falei: "Ótimo, porque amanhã você vai apresentar com confiança a sua pesquisa!". No dia seguinte, ele fez uma bela apresentação e foi aprovado.

Outro caso também foi o de uma aluna graduada em arquivologia que queria discutir a organização do conhecimento. Apesar da arquivologia não ser muito a minha área, eu aceitei o desafio de orientá-la. A aluna costumava estar impecável na apresentação pessoal. Vestia-se muito bem, usava brincos grandes e

estava sempre bem maquiada. Além disso, sempre foi uma pessoa muito gentil e educada. Um belo dia, ela abriu a porta da minha sala, lívida, sem maquiagem, sem brinco e de cabeça baixa. Eu então perguntei a ela o que havia acontecido porque era evidente na fisionomia dela que algo não estava bem. Ela então relatou que o marido havia infartado naquela semana, mas ela estava preocupada com a tese por causa do prazo oficial para finalizar a dissertação. Eu disse a ela que, naquele momento, a atenção total dela devia estar sobre o marido e que não se preocupasse com o prazo de entrega da tese, porque caso necessário, era possível solicitar prorrogação. Passados alguns meses, ela voltou com outra cara. O marido teve uma ótima recuperação e ela terminou a tese.

Histórias como essas mostram que a orientação acadêmica deve levar em conta também as circunstâncias do aluno que está desenvolvendo a pesquisa. Como orientadora, sempre busquei ter essa atenção.

Como foi a sua escolha profissional pela Biblioteconomia?

Totalmente por acaso. Eu conheci a Biblioteconomia vendo o diretor da Biblioteca Nacional em uma entrevista numa reportagem na televisão, no dia do bibliotecário. Fiquei fascinada com a reportagem que exaltava a importância histórica, cultural e social da biblioteca e o papel do bibliotecário para a sociedade. Então, pensei e decidi que era isso que eu queria para a minha vida profissional! Ou seja, aos dezoito anos, decidi pela Biblioteconomia meio ao acaso, mas não me arrependo.

Me graduei em 1968. Como eu não tinha experiência profissional, eu não conseguia emprego. As oportunidades que surgiam exigiam experiência de pelo menos dois anos. A falta de experiência da prática bibliotecária e a necessidade de aprimorar os estudos me motivaram a ingressar em 1969 no curso de especialização em Documentação Científica (CDC) do então

Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), que hoje é o IBICT.

Como ainda não havia curso de mestrado no país, o CDC era a grande chance do profissional de biblioteconomia se especializar um pouco mais. O foco do curso estava na comunicação científica. Fazer este curso foi muito importante, porque mudou a minha maneira de olhar as coisas, expandindo o meu entendimento da Biblioteconomia. Durante o curso surgiu, através de uma colega de turma, a oportunidade de trabalhar como voluntária na organização da biblioteca do Centro Latino Americano de Física (CLAF). Como organização intergovernamental de política científica para a Física na América Latina, a especialidade da coleção de documentos do CLAF era complexa e desconhecida para mim. Não era o ambiente de uma biblioteca tradicional para a qual eu havia recebido os ensinamentos na minha formação de bibliotecária. Fui franca ao dizer que eu não saberia como classificar aquela coleção de documentos. No entanto, os dirigentes do CLAF me perguntaram se eu tinha interesse em trabalhar com aquele acervo. Eu aceitei como um desafio de como organizar e representar aquela coleção para atender a missão e os objetivos do CLAF enquanto uma instituição de política científica para a física na América Latina.

O bibliotecário, para bem desempenhar as suas funções, deve primeiro refletir sobre a missão da instituição que abriga a biblioteca, perceber qual a natureza da informação que compõe o acervo e quais as características dos usuários reais e potenciais. Essas reflexões são indispensáveis para que o bibliotecário atue de maneira eficiente na organização e representação dos documentos, ou seja na classificação e indexação do acervo e, também, para identificar os tipos de serviços que a biblioteca pode oferecer conforme às necessidades de informação e documentação dos usuários.

Dessa experiência nasceu o interesse em classificação enquanto atividade principal de organização e representação do conhecimento em bibliotecas e outros sistemas de recuperação da

informação. Esse interesse me acompanha até hoje, mas não mais para a prática bibliotecária, mas nos meus projetos de pesquisa e dos meus orientandos.

Você pode nos contar uma situação no início da sua carreira na Biblioteconomia que enriqueceu a sua trajetória profissional?

A minha visão de biblioteca mudou muito com a minha experiência na biblioteca do CLAF, uma vez que a coleção era composta de documentos de diversos tipos, publicados por organismos internacionais e regionais de natureza política e de natureza científica e para uso pelos funcionários do CLAF. A biblioteca do CLAF, como o próprio nome da instituição indicava, era de Física. No entanto, a característica fundamental era a Física olhada no contexto da política científica. Ou seja, não era a Física como área do conhecimento científico, como era o caso da biblioteca do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF). Isso fazia toda a diferença em como pensar a organização e a representação da coleção de uma biblioteca cujo acervo era devotado ao planejamento e coordenação da Física no contexto latino americano. Nesse sentido, as classificações bibliográficas conhecidas – mais comuns nas bibliotecas, como por exemplo a *Classificação Decimal de Dewey* (CDD) e a *Classificação Decimal Universal* (CDU), não satisfaziam as necessidades de recuperação da informação no CLAF. Essa constatação me levou a refletir na atuação do bibliotecário como um pesquisador, o que marcou a minha trajetória profissional.

E como você conheceu a Ciência da Informação?

Conheci a Ciência da Informação como aluna do curso de mestrado do IBBD, hoje IBICT, curso pioneiro na área no Brasil que teve início no ano de 1970. Fui aluna da segunda turma e tive a oportunidade de ter aulas presenciais com reconhecidos professores atuantes em Ciência da Informação em universidades e

sistemas de informação da Europa e dos Estados Unidos. Eu tive aulas de *'Sistemas de Classificação'*, com Derek Langridge; *'Técnica de Indexação e Resumos'*, com Jessica Perry; *'Catalogação Avançada'*, com LaVan Overmyer; *'Processamento de Dados na Documentação'*, com Tefko Saracevic; *'Organização de Serviços de Informação'*, com John Joseph Eyre. Nas disciplinas conexas, eu tive aulas com os professores da UFRJ: Rubens Sampaio Filho em *'Teoria dos Conjuntos'* e Pierre Jean Lavelle em *'Programação'*. Ao terminar o mestrado, em 1973, eu estava munida com conhecimento avançado na área da Ciência da Informação na década de 1970. Durante o curso de mestrado, eu me interessei pela organização e representação do conhecimento, particularmente sobre os estudos da classificação. Em 1974, com uma bolsa de estudos pós-mestrado do Conselho Britânico, fui para a Inglaterra e tive como tutor acadêmico o professor Derek Langridge. Visitei sistemas de recuperação da informação especializados em diferentes áreas do conhecimento. Tive a oportunidade de conhecer e de discutir com idealizadores e implementadores de sistemas de organização e representação do conhecimento, entre eles: Derek Austin, do sistema PRECIS (*Preserved Context Indexing Systems*) criado para a bibliografia nacional inglesa, e Eric Coates, do sistema de indexação facetada do periódico *British Technology Index*. Conversei muito sobre o ensino de classificação com o Mr. Langridge, o que resultou no meu interesse, acolhido por ele, na tradução para a língua portuguesa de seu livro como *'Classificação: abordagem para estudantes de Biblioteconomia'*. Essa obra se tornou uma referência no ensino e na pesquisa em classificação em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Voltei do estágio na Inglaterra e continuei trabalhando no CLAF. Cinco anos se passaram e o acaso novamente fez uma surpresa na minha vida profissional. Durante *coffee break* de um evento científico da área de informação me encontrei com David Spiller, quem eu já conhecia do Conselho Britânico, que me apresentou Antonio Miranda, representante da CAPES. Nessa

época, ainda não havia curso de doutorado em Ciência da Informação no Brasil e a CAPES estava incentivando mestres na área a doutorarem-se no exterior. Com o apoio da direção do CLAF, eu me inscrevi e ganhei a bolsa de estudos. Iniciei o doutorado em 1979 na Polytechnic of North London sob a orientação da professora Suman Datta, tendo como co-orientador Jack Meadows, que na época era professor da Leicester University. Em 1984, terminei o doutorado e assumi as atividades de ensino no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) do IBICT. A pedido do professor Aldo Barreto, coordenador do programa na época, eu deveria assumir disciplinas da área de organização e representação da informação. Esse pedido foi uma retomada aos *insights* em classificação, que não deixaram de aparecer desde a dissertação de mestrado e a tese de doutorado, como comentei anteriormente.

Foi assim que ingressei na vida acadêmica de ensino e pesquisa na Ciência da Informação no IBICT e na especialidade da organização e representação do conhecimento.

Você pode nos contar sobre a experiência de sair do Rio de Janeiro para fazer doutorado na Polytechnic of North London, na Inglaterra?

Foi uma experiência única, inesquecível cujos ensinamentos me reporto até hoje nas minhas aulas e nos meus projetos de pesquisa. Tive o privilégio de já ter conhecido alguns professores da Polytechnic quando me deram aulas no mestrado no Brasil e também durante o estágio pós-mestrado que também foi na Poly, na Inglaterra. Ou seja, já havia uma comunicação prévia como aluna e como profissional, entre mim e os professores. Isso considero ter sido de fundamental importância de adaptação na saída de um contexto cultural para outro em vários sentidos: clima, alimentação, moradia, meios de transporte, como também na forma de atuar profissionalmente. Difícil falar sobre, mas é fato o quanto tudo isso

influencia na forma de atuar em um ambiente diferente do que estamos acostumados. Eu vou contar para vocês um detalhe que revela o quanto fui beneficiada pelos contatos prévios. No meu primeiro dia na Poly, quando entrei na universidade e fui ao gabinete do Mr. Langridge, vi na parede uma figura do Pão de Açúcar e ele me disse que quando eu sentisse saudade do Brasil era para eu ir até lá e olhar para aquela imagem. Esse fato demonstra o acolhimento que tive na Poly. Fez parte dessa experiência única conviver com os professores e colegas, compartilhar refeições, encontrá-los nos corredores, assistir suas aulas, ter sido convidada a conhecer a família e a residência deles. Foi um período mágico e muito produtivo profissionalmente para o desenvolvimento da tese e uma excelente vivência pessoal numa cultura diferente. Certo dia, o meu orientador, Prof. Jack Meadows, comentou que visitar relevantes pontos culturais de Londres, tais como a National Gallery, a National Portrait Gallery, o British Museum, o Victoria & Albert Museum e o Science Museum integravam o meu doutoramento – ao que concordei plenamente e, claro, não perdi a oportunidade de conhecer essas instituições. O nosso primeiro encontro em Londres foi agendado por ele nas dependências do British Museum, local onde ele havia trabalhado na seção do arquivo. Podemos bem imaginar que documentos maravilhosos ele teve oportunidade de ver!

Você sente falta de alguma coisa na sua trajetória acadêmica?

Sinceramente não. Dentro daquilo que me propus a atuar como professora e pesquisadora me sinto plenamente realizada na minha trajetória acadêmica. Sempre considerei ser importante atuar com a mente aberta para novos conhecimentos, aceitando desafios no ensino e na pesquisa. A classificação, enquanto um processo fundamental da natureza humana e como atividade central na organização e representação do conhecimento para fins de recuperação de informação, vem suscitando ao longo dos anos o

desenvolvimento de temáticas de pesquisas motivadoras para mim e para meus orientandos.

Como surgiu a ideia de pesquisar a comunicação científica na área da física da matéria condensada?

O CLAF realizou censos de recursos humanos e materiais em subáreas da física. Uma dessas subáreas foi a 'Física do Estado Sólido', como inicialmente nomeada na literatura científica, que, posteriormente, passou a ser nomeada como 'Física da Matéria Condensada'. Esta subárea necessita de menor investimento em equipamentos em comparação a outras áreas da física. É também um campo interdisciplinar com a própria área da física e com outras áreas da ciência.

Em visita ao CLAF, em 1971, o professor Tefko Saracevic tomou conhecimento do *Censo de Recursos Humanos em Física da Matéria Condensada na América Latina* e vislumbrou a possibilidade de desenvolvimento de uma pesquisa sobre esses dados e se ofereceu para atuar como orientador do meu mestrado em ciência da informação. Em 1973, defendi a dissertação "*Análises bibliométricas da produção científica dos grupos e pesquisa sobre Física do Estado Sólido na América Latina*"². Foi assim que iniciou o meu interesse em pesquisar nessa área.

Segui na mesma linha de pesquisa para o doutorado, iniciado em 1979 e concluído em 1984, com a tese "*Patterns of communication in Brazillian condensed matter physics: Bibliometric and other investigations for the period 1950-1980*"³. A dissertação e a tese tiveram como foco central a comunicação na ciência. Numa

² FERNANDEZ, Rosali Pacheco [SOUZA, Rosali Fernandez de]. **Análises bibliométricas da produção científica dos grupos de pesquisa sobre física do estado sólido na América Latina**. 1973. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1973. Orientador: Tefko Saracevic. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11422/6706>. Acesso em: 06 out. 2022.

³ FERNANDEZ, Rosali Pacheco [SOUZA, Rosali Fernandez de]. **Patterns of communication in Brazillian condensed matter physics: Bibliometric and other investigations for the period 1950-1980**. 1984. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Polytechnic of North London. 1984. Orientadores: Summan Datta e Jack Meadows. Disponível em: <https://ethos.bl.uk/OrderDetails.do?uin=uk.bl.ethos.352851>. Acesso em: 06 out. 2022.

breve síntese, a dissertação objetivou identificar a intercomunicação entre grupos de pesquisa através da literatura publicada em revistas científicas. A tese investigou os tipos de publicação em que os membros dos grupos comunicaram os resultados de pesquisa no período de trinta anos, mostrando a evolução do grupo no tempo. Para um caso específico, foram aprofundadas análises de um grupo de pesquisa identificando membros que se destacaram pelo número de orientações acadêmicas e pelas co-autorias de artigos publicados em revistas científicas.

Uma observação interessante a ser destacada foi a mudança da denominação da área de 'Física do Estado Sólido' para 'Física da Matéria Condensada'. A evolução científica da pesquisa em Física da Matéria Condensada no tempo foi tão expressiva que, além de mudar a denominação, passou a ocupar três entradas temáticas principais do *Physics Abstracts*⁴ - conceituado sistema internacional de indexação e resumos da produção científica publicada em física. Esse fato motivou minhas pesquisas futuras em organização e representação em sistemas de organização do conhecimento, com atenção especial à classificação.

Como foi falar de um campo brasileiro de conhecimento, a física da matéria condensada no Brasil, em uma instituição inglesa?

Fui convidada a dar palestras para alunos ingleses e estrangeiros que cursavam disciplinas na Polytechnic of North London. Antes de apresentar a pesquisa da tese sobre os padrões de comunicação em grupos de pesquisa numa determinada área da ciência brasileira, fiz uma breve introdução sobre o Brasil, apresentando alguns dados gerais (território, língua, população, infraestrutura, etc.), comparando com os mesmos dados do Reino Unido. Muitos da plateia ficaram surpresos com as diferenças entre os países. Complementei com dados históricos desde a chegada dos

⁴ PHYSICS ABSTRACTS. London (UK): Institution Of Electrical Engineers, 1966-. Quinzenal.

portugueses em 1500 e fatos marcantes do desenvolvimento da ciência no Brasil, tais como a criação das universidades e dos órgãos de fomento à pesquisa. Isso evidenciou a distância temporal da história da ciência nos dois países. Comentei também sobre características dos meios de comunicação abordando transporte, correio e a distância entre as cidades. Essas considerações foram essenciais para o entendimento do contexto e pesquisa que eu estava trabalhando, como também para respaldo das abordagens teórico-metodológicas definidas e para a interpretação dos resultados. Destaquei o fato de que, pela contemporaneidade da criação dos grupos de pesquisa, foi possível identificar padrões diferenciados de desenvolvimento e de comunicação dos grupos desde a criação, evidenciados pelas análises qualitativas e quantitativas da produção científica publicada de cada grupo, complementado por entrevistas feitas com membros dos grupos.

Você pode nos explicar o que é física da matéria condensada?

Eu posso explicar como profissional de informação, mas não como pesquisadora em física, que nunca fui. Essa pergunta me lembrou a conversa na Inglaterra que tive com B. C. Brookes, físico inglês interessado em bibliometria. Curioso sobre a Física na Matéria Condensada no Brasil, ele me perguntou sobre características dos grupos de pesquisa brasileiros. Comentei sobre os diferentes padrões de desenvolvimento encontrados e as especificidades de temas de pesquisas. As minhas respostas foram conforme a indexação da literatura dos grupos como classificada pelos cabeçalhos do *Physics Abstracts*. Trabalhando com os dados coletados durante quatro anos, eu decorei as subáreas e as especialidades da física da matéria condensada. Inclusive, eu memorizei as temáticas interdisciplinares da literatura publicada pelos grupos, conforme a classificação do *Physics Abstracts*. No decorrer da conversa, o físico comentou sobre especificidades da pesquisa em Física da Matéria Condensada no Brasil. Eu disse que

não poderia responder porque eu não explorei os meus dados nesse sentido e também porque a minha formação acadêmica não foi em Física, mas em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Ele retrucou: “Você nunca estudou Física?”. Eu respondi que não e o que eu conhecia da área da Física foi por acompanhar a evolução das classificações e das concordâncias da área no decorrer do tempo, especialmente no *Physics Abstracts*. Este fato evidenciou para mim que o profissional da informação, apesar de não necessariamente ser um especialista na área para a qual está trabalhando, conta com instrumentos que podem auxiliá-lo a se familiarizar com o conhecimento dessa área desconhecida. E, com certeza, as classificações da área são instrumentos de apoio relevantes, como foi no meu caso.

As tecnologias da informação e da comunicação se transformaram muito nas últimas décadas e, por consequência, mudaram o modo de fazer ciência. Para você, essa transformação tecnológica tornou o fazer pesquisa mais prático ou mais complexo?

As tecnologias da informação e da comunicação se sofisticaram nas últimas décadas e, conseqüentemente, passaram a interferir significativamente, no modo de fazer ciência em todas as áreas do conhecimento. Considero que, se por um lado, a transformação tecnológica tornou o fazer ciência mais “prático”, por outro lado, tornou esse processo mais “complexo” para o pesquisador. O instrumental sem dúvida se sofisticou, o que passou a exigir maior perspicácia do pesquisador em saber como usufruir dos instrumentos no fazer ciência. O ponto central é a informação e, sem dúvida, a forma como é organizada e representada, pois disso depende a busca e a recuperação. As bases de dados disponíveis na *web* tem mecanismos próprios de busca que nem sempre evidenciam os critérios de seleção, organização e representação de dados. Obviamente, cada base tem seu foco de

interesse. Então, o pesquisador ou profissional de qualquer área do conhecimento tem que ter perspicácia na busca de dados, ou seja, saber usufruir da melhor forma possível de determinada fonte para suas necessidades de informação.

Na sua opinião, quais os maiores avanços alcançados na pesquisa em organização do conhecimento?

A classificação é a principal atividade quando se fala de organização do conhecimento. Pesquisas visando uma teoria de apoio à classificação marcaram o desenvolvimento desse campo ao longo do tempo. Filósofos como Aristóteles, educadores como Piaget, enciclopedistas como Diderot e d’Alambert, bibliotecários como Ranganathan, pesquisadores do Classification Research Group na Inglaterra, cientistas da informação como Dahlberg, Hjørland e Smiraglia, apenas para citar alguns nomes que me recordo no momento, trouxeram importantes contribuições em publicações que abordam categorias, classificação facetada, teoria do conceito, construção de sistemas de organização do conhecimento (por exemplo, tesouros e ontologias) entre outros assuntos. No Brasil, os avanços em pesquisa nesse campo são evidentes nas comunicações do grupo de trabalho “*Organização e Representação do Conhecimento*” (GT2) dos encontros nacionais de pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia (ENANCIB). A fonte de referência internacional sobre avanços da pesquisa em organização do conhecimento é a revista *Knowledge Organization* que como o próprio nome indica é devotada a esse tema.

Você pode mencionar pesquisadores que foram inspiração para a sua carreira de pesquisa?

Inspirações para a minha carreira de pesquisa remontam no tempo a pesquisadores que foram meus professores e professoras. Começo mencionando Hagar Espanha Gomes, minha professora no curso de especialização em Documentação Científica (CDC), no

Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), em 1969. Lembro-me dos seus comentários em um seminário final de disciplina que motivaram os alunos à pesquisa. Posteriormente nas várias oportunidades de encontros em alguma atividade acadêmica, conversávamos sobre as minhas pesquisas. Hagar, como sempre disposta a colaborar, fazia comentários e indicações de leituras. Do ponto de vista da escolha da linha temática de pesquisa em organização e representação do conhecimento, particularmente em classificação, meu inspirador foi Derek Langridge, membro do Classification Research Group (CRG) da Inglaterra e professor de classificação em cursos e graduação e de pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação na Inglaterra, nos EUA e no Brasil. Três afirmações de Langridge inspiram a minha trajetória de pesquisa: a classificação como processo fundamental da natureza humana; a classificação como atividade principal da organização do conhecimento; e a conclusão de que não há substituto à classificação. Não posso deixar de mencionar o importante incentivo à pesquisa que tive por Roberto Bastos da Costa – diretor e Delia Valério Ferreira – diretora adjunta do CLAF, instituição que eu atuava como bibliotecária. Ambos me deram todo apoio para cursar o mestrado e o doutorado, que foram etapas marcantes na pesquisa. Eles também me incentivaram a ingressar no IBICT para atuar como pesquisadora e professora em Ciência da Informação, onde definitivamente construí a minha carreira na pesquisa e no ensino.

Pensando em sua trajetória acadêmica, quais são os maiores desafios enfrentados por mulheres pesquisadoras?

Pensando na minha trajetória acadêmica, nunca me senti diminuída por ser mulher. Graças à compreensão do meu companheiro e do apoio de minha mãe, pude conciliar a carreira de profissional com as demandas da vida pessoal de casada com dois filhos. Dosar e equilibrar isso não é fácil, mas é possível com apoio em casa e no local de trabalho. A pesquisa acadêmica é uma

atividade básica de colaboração. Cada uma de nós mulheres pesquisadoras temos nossas circunstâncias pessoais e acadêmicas de vida. Eu entendo que o maior desafio da pesquisa seja a própria decisão de devoção à pesquisa. Pesquisar exige tempo, ambiência acadêmica e recursos materiais.

Entre ontem e hoje, o que mudou para a pesquisa no Brasil?

Eu diria que a criação dos cursos de pós-graduação proporcionou a formação de profissionais e docentes para atuarem na pesquisa. As instituições de fomento, principalmente o CNPq e a Capes, criaram e diversificaram programas de bolsas de pesquisa no Brasil e para outros países, assim como outras formas de financiamento para a pesquisa. Aqui no Rio de Janeiro, a atuação da FAPERJ tem sido representativa, na criação de programas de incentivo à pesquisa, como: Cientista do Nosso Estado (CNE) e Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE) que oferecem Bolsas de Bancada para Projetos (BPP). As oportunidades de "hoje" com certeza são maiores do que as de "ontem" para a pesquisa no Brasil.

Você poderia mencionar um fato marcante que motivou seus projetos de pesquisa?

Um aprendizado marcante na minha carreira acadêmica foi quando em 2005 recebi o convite do Dr. Manuel Domingos Neto, vice-presidente do CNPq, para participar como membro e secretária da 'Comissão especial de estudos CNPq, CAPES, FINEP para propor uma nova tabela de áreas do conhecimento'. A razão para a constituição de tal Comissão foi o fato de que a tabela em vigor mostrava-se desatualizada, pois não representava a realidade das pesquisas nas diferentes áreas, subáreas e especialidades do conhecimento no Brasil. Foi uma oportunidade ímpar participar das discussões com dezessete pesquisadores atuantes em diferentes áreas do conhecimento, com representantes da Finep e da CAPES e com o vice-presidente do CNPq, que presidia a Comissão.

O trabalho da Comissão evidenciou que a criação e/ou atualização de uma tabela de áreas do conhecimento (TAC) difícil e complexa para as instituições de fomento e para a comunidade científica em geral. A criação, a reclassificação ou a exclusão de uma área do conhecimento implicava em uma decisão "difícil, complexa e delicada", como dizia o Dr. Manuel. A inter e a multidisciplinaridade do conhecimento traziam questões cruciais de discussão, muitas vezes sem consenso interno na área e entre as áreas. Inúmeras sugestões e opiniões divergentes surgiram sobre a classificação de áreas do conhecimento, fortalecendo as premissas de que: toda classificação é arbitrária; há várias maneiras de se classificar o conhecimento; a escolha de qualquer classificação está direcionada a um propósito definido.

A experiência de ter participado dessa Comissão motivou, em mim, temas de pesquisa na Ciência da Informação. O meu projeto de pesquisa corrente é *"Área, campo e domínio do conhecimento: aspectos conceituais e estruturas de classificação em Ciência e Tecnologia"*. Conto com a parceria de Thulio Pereira Dias Gomes, que foi meu orientando de mestrado no PGGCI IBICT-UFRJ, hoje doutor pela Escola de Comunicações e Artes da USP e atualmente bibliotecário da UFF, e de Rodrigo Alves Ferreira, bibliotecário que foi meu bolsista de iniciação científica e hoje é mestrando do PPGCI IBICT-UFRJ. Este projeto de pesquisa atual simboliza o coroamento da minha carreira acadêmica e, mais ainda, me sinto orgulhosa de trabalhar com parcerias tão especiais para mim.

Se pudesse repassar aos jovens pesquisadores apenas um dos muitos aprendizados que sua trajetória acadêmica lhe ofereceu, qual seria?

Acreditem na sua realização profissional como pesquisadores. Vale a pena pesquisar em qualquer área do conhecimento. O pesquisar mantém o pesquisador sempre alerta, pronto a adquirir novos conhecimentos e a atuar de forma mais convincente no

ensino. É importante para a vida cultivar a mente como pesquisador. Ler, refletir, pensar, criar conhecimento é motivador. Quando eu cheguei na Inglaterra para iniciar o meu doutorado, me deram uma lista de passos para o desenvolvimento da tese e por duas vezes na listagem apareceu a palavra *think* (pensar) como um elemento básico do desenvolvimento da pesquisa. Ao ler, achei estranho, mas pude constatar ao longo do desenvolvimento do trabalho, que aquele elemento estava repetido por ser tão importante quanto as outras etapas clássicas de pesquisa. O pesquisador tem que aprender a olhar o dado e a saber refletir sobre o que ele quer dizer. Aí está a grande diferença do pesquisar que não é apenas compilar dados e informação, e sim: produzir conhecimento, o que é gratificante.

Se pudesse voltar no tempo, teria algum conselho para a Rosali caloura?

Rosali caloura começou na Biblioteconomia e na Documentação e chegou na Ciência da Informação. O que eu tenho a dizer é que não me arrependi de nada, que faria tudo novamente porque valeu a pena, me sinto realizada profissionalmente. Aos leitores da *Revista Mundo Livre* deixo a mensagem que vale a pena ser pesquisador em qualquer área do conhecimento.

Muito obrigada por essa participação na *Revista Mundo Livre*. Eu agradeço a oportunidade de contar um pouco da minha vida acadêmica, esperando ter contribuído para motivar futuros pesquisadores: vale a pena, sigam em frente. Desejo sucesso. Meu agradecimento especial ao Thulio, editor da revista Mundo Livre, pelo honroso convite.

Sobre a entrevistada

Rosali Fernandez de Souza

Graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Santa Úrsula. Especialista em Documentação Científica e mestre em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD). Doutora em Ciência da Informação pela Polytechnic of North London. Pesquisadora Titular do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), onde é professora no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCI IBICT-UFRJ).

Email: rosalifs@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0890-7999>

Sobre os entrevistadores

Thulio Pereira Dias Gomes

Graduado em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É mestre em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). É doutor em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo (USP). É bibliotecário na Universidade Federal Fluminense (UFF). Atua na Coordenação de Bibliotecas (CBI) e na Revista Mundo Livre.

Email: thuliogomes@id.uff.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0890-7999>

Amanda dos Santos Coutinho

Graduada em Biblioteconomia e Documentação pelo Instituto de Comunicação e Arte (IACS) da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Niterói. É integrante da equipe editorial da Revista Mundo Livre. Tem interesse em comunicação científica e organização do conhecimento.

Email: amcoutinho@id.uff.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2325-1868>

Pâmela Miranda Santos

Estudante de Psicologia no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR) da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Campos dos Goytacazes. É integrante da equipe editorial da Revista Mundo Livre. Tem interesse em cognição e memória.

Email: pamelamirandasantos@id.uff.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1076-8393>

Yuri Banov Onishi

Estudante de Psicologia no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR) da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Campos dos Goytacazes. É integrante da equipe editorial da Revista Mundo Livre. Participa do grupo de extensão sobre Neuropsicologia, Estimulação Cognitiva e Reabilitação Neuropsicológica.

Email: yuri_banov@id.uff.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1484-2001>

Histórico

Recebido em: 21/09/2022. Aprovado em: 21/09/2022. Publicado em: 20/10/2022.